

SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). *Como se escreve a história da Antiguidade: Olhares sobre o antigo*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. 534 p.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

gts.rafa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8985-8315>

A historiografia dos Estudos Clássicos é um subgênero do campo acadêmico moderno dedicado a estudar a Antiguidade clássica (grego-romana e oriental). Dentre os principais expoentes desse subgênero, figuram nomes de classicistas que tiveram uma carreira de sucesso no próprio campo, como John Edwin Sandys (1903-1908), Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (orig. 1921) e Rudolf Pfeiffer (1968-1976). Embora o Brasil ainda não conte com uma tradição consolidada de trabalhos que contextualizem historicamente vidas e obras de classicistas, assim como os desenvolvimentos epistemológicos, disciplinares e profissionais da área, começam a ser produzidos e publicados no país alguns estudos que sugerem um horizonte alvissareiro para quem luta por uma prática mais autoconsciente e crítica nos estudos da Antiguidade.

Esses desenvolvimentos integram um movimento mais amplo de reflexão sobre o campo em diferentes partes do mundo. Nos EUA, uma querela importante para impulsionar a historiografia dos Estudos Clássicos, foi a que se seguiu à publicação de “Research Opportunities in the Modern History of Classical Scholarship”, de William M. Calder III (1981), ele próprio um divulgador do trabalho de classicistas alemães oitocentistas. Sem entrar em detalhes sobre esse debate específico,¹ desde então tem sido cada vez mais reconhecido que estudar o contexto histórico em que classicistas atuaram – ressaltando seus compromissos, interesses e contribuições –, é fundamental para quem queira compreender sua própria atuação no presente. Nesse sentido, cumpre desclassicizar as Clássicas e historicizar os classicistas, oferecendo os meios necessários para um trabalho de reflexão sobre as práticas disciplinares e profissionais da área

¹ Para referências: SILVA, 2022, p. 77-78.

à luz de sua própria época. Alguns trabalhos estrangeiros em que isso tem sido feito incluem: *Classical Scholarship: A Biographical Encyclopedia*, editado por Ward W. Briggs e William M. Calder III (1990); *Histoire de l'histoire de la philologie*, de Pascale Hummel (2000); *Geschichte der Altertumswissenschaften. Biographisches Lexicon*, editado por Peter Kuhlmann e Helmuth Schneider (2012).

É no âmbito desse vasto empreendimento epistemológico que entendemos a proposta do livro *Como se escreve a história da Antiguidade: Olhares sobre o antigo*, organizado e publicado por Glaydson José da Silva e Alexandre Galvão Carvalho (2020). Fruto maduro dos trabalhos originalmente apresentados no XXIX Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), durante a realização da quarta edição do simpósio *Antiguidade e Modernidade: usos do Passado*, esse livro oferece uma contribuição incontornável para quem se interessa pela história dos Estudos Clássicos. Segundo os próprios organizadores do volume:

Apresentamos com esta obra um conjunto de textos claramente articulados em torno de um eixo temático específico, no caso, a investigação das obras e trajetórias de pensadores e pensadoras que refletiram sobre a história da Antiguidade, entre os séculos XVIII e XXI. Tal investigação objetiva elucidar as influências historiográficas e escolhas teóricas de quarenta autores e autoras que por três séculos influenciaram e influenciam de maneira decisiva as pesquisas sobre o mundo greco-romano e as sociedades do antigo Oriente Próximo em todo o mundo. (SILVA; CARVALHO, 2020, p. 13).

A proposta pode parecer ambiciosa, mas sua execução monumental corresponde às expectativas. Temos aqui uma espécie de enciclopédia temática sobre as vidas e obras de quarenta importantes estudiosos modernos da Antiguidade (greco-romana e oriental). Num trabalho dessa amplitude, escolhas são inevitáveis e as escolhas feitas aqui – como os próprios organizadores do volume reconhecem em sua Apresentação – podem ser entendidas como sintomáticas de tendências mais gerais historicamente consolidadas pelas práticas do campo: a

maioria dos artigos se volta para estudiosos do mundo greco-romano, em detrimento daqueles que se dedicaram ao Antigo Oriente Próximo; a maioria esmagadora de autores estudados é do sexo masculino; a proveniência desses autores é, via de regra, a Europa e os EUA. A proposta da obra é apresentar um panorama histórico a partir das vidas e obras dos principais e mais influentes estudiosos modernos da Antiguidade, de modo que as desigualdades em termos de representação têm origem histórica em questões mais amplas de estruturas de poder e dominação epistemológica: estudos universitários, desde sua institucionalização na modernidade, privilegiam certos grupos sociais e isso se reflete na formação das diversas áreas acadêmicas. Infelizmente, essa realidade não é apanágio dos Estudos Clássicos, embora apareça de forma vergonhosamente exemplar na história do campo e continue a se fazer sentir até os dias de hoje.²

Dito isso, gostaria de propor um quadro para dar uma ideia da amplitude dessa obra, em termos não apenas dos autores cujas vidas e obras são abordadas ao longo de seus capítulos, mas também da quantidade de pessoas que contribuíram com o volume:

Cap.	Objeto de estudo	Autoria do estudo
1	Edward Gibbon (1737-1794)	Adilson Luís Martins (Unifesp)
2	George Grote (1794-1871)	Gilberto da Silva Francisco (Unifesp)
3	Barthold Georg Niebuhr (1776-1831)	Fábio Augusto Morales (UFSC)
4	Jacob Burckhardt (1818-1897)	Guilherme Moerbeck (UERJ)
5	Karl Marx (1818-1883)	Hector Benoit (Unicamp)
6	Heinrich Schliemann (1822-1890)	Camila Aline Zanon (USP)
7	Eduard Meyer (1855-1930)	Alexandre Galvão Carvalho (UESB)

² Para um levantamento sociológico sobre a identidade de quem se dedica a algum(s) dos diversos campos de estudo da Antiguidade no Brasil no início da década de 2020: SILVA, 2021.

8	Fustel de Coulanges (1830-1889)	Renata Senna Garraffoni (UFPR) e Alexandre Cozer (UFPR)
9	Gustave Glotz (1862-1935)	Lorena Lopes da Costa (Ufopa)
10	Mikhail Rostovtzeff (1870-1952)	Pedro Paulo Funari (Unicamp)
11	Marcel Mauss (1872-1950)	Rafael Faraco Benthien (UFPR)
12	Jérôme Carcopino (1881-1970)	Glaydson José da Silva (Unifesp)
13	Vere Gordon Childe (1892-1957)	Elaine F. V. Hirata (USP)
14	Jaroslav Černý (1904-1984)	Margaret Marchiori Bakos (UEL)
15	Ranuccio Bianchi Bandinelli (1900-1975)	Maria Beatriz Borba Florenzano (USP)
16	Milman Parry (1902-1935)	Gustavo Junqueira Duarte Oliveira (PUC-Campinas)
17	Ronald Syme (1903-1989)	Gustavo A. Vivas García (Univ. de la Laguna)
18	Henri-Irénée Marrou (1904-1977)	Hervé Inglebert (Univ. Paris Nanterre)
19	Arnaldo Momigliano (1908-1987)	Guido Clemente (Univ. Firenze)
20	Louis Gernet (1882-1962)	Fábio Vergara Cerqueira (UFPel)
21	Moses I. Finley (1912-1986)	Miguel S. Palmeira (USP)
22	Jean Bottéro (1914-2007)	Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS)
23	Jean-Pierre Vernant (1914-2007)	Renata Cardoso Belleboni Rodrigues (FESB)
24	Santo Mazzarino (1916-1987)	Gilvan Ventura da Silva (UFES)

25	Pierre Lévêque (1921-2004)	José Antonio Dabdab Trabulsi (UFMG)
26	Maria Helena da Rocha Pereira (1925-2017)	Delfim F. Leão (Univ. Coimbra)
27	Michel Foucault (1926-1984)	Alfredo dos Santos Oliva (UEL)
28	Paul Veyne (1930-2022)	Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)
29	Pierre Vidal-Naquet (1930-2006)	Uiran Gebara da Silva (UFRPE)
30	Erik Hornung (1933-2022)	Julio Cesar M. Gralha (UFF)
31	Anthony Snodgrass (1934-)	Camila Diogo de Souza (USP)
32	Fergus Millar (1935-2019)	Fábio Faversani (UFOP)
33	John Van Seters (1935-)	Marcelo Rede (USP)
34	Peter Brown (1935-)	Julio Cesar M. de Oliveira (USP)
35	Andrew Colin Renfrew (1937-)	Renan Falchetti Peixoto (USP) e Maria Beatriz Florenzano (USP)
36	Peter David Arthur Garnsey (1938-)	Fábio Duarte Joly (UFOP)
37	Mario Liverani (1939-)	Ivan Esperança Rocha (Unesp)
38	Nicole Loraux (1943-2003)	Marta Mega de Andrade (UFRJ)
39	Paul Cartledge (1947-)	Camila Condilo (UnB)
40	Charles Martindale (1949-)	Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)

Como o quadro revela em sua extensão arrebatadora, essa obra oferece um panorama biográfico considerável para quem se dedica à história dos Estudos Clássicos no Brasil. Dentro das limitações supracitadas, seu escopo é vasto e representativo, abordando uma diversidade considerável de personalidades cujas vidas e obras apresentam diferentes questões

dignas de reflexão para uma prática crítica da Antiguidade no mundo contemporâneo. Embora a qualidade das propostas de cada capítulo possa variar, segundo o nível de intimidade com que a bibliografia é dominada por quem realiza o estudo – e aqui cumpre destacar que o domínio das línguas em que a bibliografia se encontra costuma ser um critério determinante –, esse conjunto constitui uma referência incontornável para quem se dedica às áreas de História Antiga, Arqueologia Clássica, Letras Clássicas e Filosofia Antiga no Brasil.

O livro pode ser lido de cabo a rabo para oferecer, assim, um mosaico multifacetado com algumas das diferentes tendências no estudo moderno da Antiguidade, incluindo aportes inesperados de áreas tão diversas quanto ciência política, sociologia, economia e antropologia. Mas ele também pode ser usado como um material de consulta, recomendado didaticamente, por exemplo, como leitura propedêutica que situe historicamente a vida e a obra de um determinado autor antes que seus próprios textos sejam estudados.

No quadro sinóptico acima, fiz questão de mencionar as instituições onde lecionam (ou lecionaram) quem contribui com seus estudos para o volume, pois isso ajuda a evidenciar algo fundamental: apesar de eventuais contribuições estrangeiras (que fazem parte de um necessário esforço de internacionalização), um projeto dessa magnitude só é possível graças à universidade pública brasileira. Nesse sentido, o trabalho dos organizadores se destaca pela coerência com que reúne uma quantidade enorme de material, oferecendo um volume equilibrado que mobiliza os principais nomes da História Antiga em atividade no Brasil.³

Tudo isso prova que a publicação desse volume constitui em si mesma um feito e tanto. Ainda assim, é preciso reconhecer que esse trabalho faz parte de um movimento ainda incipiente no rumo do amadurecimento epistemológico necessário para os estudos da

³ O desequilíbrio em termos regionais brasileiros das instituições em que atuam as pessoas participantes do volume não indica necessariamente algum tipo de viés dos organizadores, mas também é um sintoma de tendências hegemônicas nas áreas de estudo da Antiguidade no Brasil. A prevalência de instituições da região sudeste, principalmente do estado de São Paulo, é algo que aparece confirmado por levantamentos sociológicos relativos à área (SILVA, 2021, p. 138).

Antiguidade no país. Na sequência, outros eventos e volumes precisam ser realizados, incorporando nomes de estudiosos fundamentais que não apareceram aqui – mesmo dentre aqueles que fazem parte dos grupos hegemônicos tradicionais –, como Winckelmann (1717-1768), Heyne (1729-1812), Eichhorn (1752-1827), Wolf (1759-1824), Schleiermacher (1768-1834), Creuzer (1771-1858), Lachmann (1793-1851), K. O. Müller (1797-1840), Usener (1834-1905), Nietzsche (1844-1900), Wellhausen (1844-1918), Wilamowitz-Moellendorff (1848-1931), Diels (1848-1922), Jaeger (1888-1961) e Pfeiffer (1889-1979), para citar apenas alguns dos estudiosos germânicos cujos trabalhos fundam e desenvolvem a Altertumswissenschaft e sua historiografia em bases modernas.

Cumpre ainda incorporar a este tipo de abordagem prosopográfica tradicional, figuras pertencentes a grupos sociais não-hegemônicos dentro da história do campo: mulheres – na linha do que faz o volume *Women Classical Scholars*, editado por Rosie Wyles e Edith Hall (2016) –, mas também pessoas que tenham uma formação e atuação externa às grandes instituições europeias e estadunidenses, sobretudo brasileiros e latino-americanos. Iniciativas nesse sentido ainda engatinham, mas são centrais para oferecer um trabalho de reconhecimento disso que ainda é terra ignota: nesse sentido, é preciso saudar vivamente livros como *Estudios Clásicos en América en el Tercer Milenio*, editado por Carolina Ponce Hernández e Lourdes Rojas Álvarez (2006), assim como *Trajetórias e Ideias sobre a Antiguidade no Brasil: A formação de um campo interdisciplinar*, que será publicado com a organização de Guilherme Moerbeck, Fábio Frizzo e Alexandre Santos de Moraes (no prelo). Além disso, é preciso complementar esse tipo de proposta com abordagens historiográficas de ordem epistemológica e sociológica, oferecendo uma história do campo dos Estudos Clássicos que não endosse uma visão ingênua – heroica e romântica – de que a ciência é feita apenas por indivíduos geniais: universidades, academias, bibliotecas, editoras, governos e públicos leitores são fundamentais para as transformações que essa área conhece ao longo de sua história.

Ainda parecemos estar longe de ter uma história brasileira dos Estudos Clássicos – isso para nem falar de uma história dos Estudos Clássicos brasileiros –, mas projetos coletivos, como o que

resultou na publicação de *Como se escreve a história da Antiguidade*, são fundamentais para que alcancemos as condições necessárias ao desenvolvimento de trabalhos críticos dessa natureza.

Referências

SILVA, G. J. da; CARVALHO, A. G. Apresentação. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). *Como se escreve a história da Antiguidade. Olhares sobre o antigo*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020, p. 13-15.

SILVA, R. G. T. Algumas verdades e mentiras sobre os Estudos Clássicos no Brasil. *EM TESE* [Online], Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 138, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18572/1125614271>.